

Expectativas y realidades en la educación superior

Expectativas e realidades no ensino superior

Editores

Pedro Membiela

María Isabel Cebreiros



EFE
Educación Editora

Expectativas y realidades en la educación superior

Expectativas e realidades no ensino superior

Pedro Membiela y María Isabel Cebreiros
(editores)

Educación Editora

Edita Educación Editora

Roma 55, Barbadás 32930 Ourense

email: educacion.editora@gmail.com

ISBN: 978-84-15524-53-3

Año de publicación: 2024

51. Sobre una aplicación en Visual. Net para la realización de exámenes virtuales durante la pandemia por covid	
Teresa P. Iglesias, Miguel Rivas, Ângela O. Queirós y María Fátima Coelho	327
52. Assessoramento Pedagógico Universitário: desafios internacionais de uma função em construção	
María Antonia Ramos de Azevedo, Amanda Rezende Costa Xavier, Jaqueline Antonello, Elaine Cristina Mal- donado, Ester Almeida Helmer, Lígia Bueno Zangali Carrasco e Rodrigo Sinigaglia Arruda	333
53. El contexto multidisciplinar de la ingeniería en las actividades formativas del Grado en Ingeniería Mecánica: diseño práctico	
Francisco Troncoso Pastoriza, Iván Puente Luna, Pablo Falcón Oubiña y Xavier Núñez Nieto	341
54. Arte é vida: cultura artística e perceções estéticas na formação inicial	
Marília Castro e Maria do Céu Ribeiro	347
55. A resolución dun caso práctico de dereito penal coa visualización previa da película <i>Knives out</i> en Netflix	
Natalia Torres Cadavid e Virxilio Rodríguez Vázquez	353
56. Aprendizaje autónomo del alumnado: experiencias del GID-EBA	
Eva Aguayo, Carmen López-Andión, Ana Iglesias y Xosé Antón Rodríguez González	359
57. Propuesta de innovación educativa utilizando <i>flipped learning</i> en Ingeniería Química	
María Teresa Ocaña-Moral y Manuel Moya Vilar	365
58. Educación universitaria y futuro profesional. Un análisis con alumnado de 1.º y 2.º de carrera	
Lourdes Maceiras, Ângel Segovia y Mariña Maceiras	371
59. Cuestionarios <i>offline</i> en Moodle como herramienta didáctica para mejorar el proceso de enseñanza-aprendizaje en grados de ingeniería	
Iván Puente Luna, Pablo Falcón Oubiña, Francisco Troncoso Pastoriza y Xavier Núñez Nieto	377

54. Arte é vida: cultura artística e percepções estéticas na formação inicial

Marília Castro¹ e Maria do Céu Ribeiro²

Escola Superior de Educação, CI&DEI, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

¹mcastro@ipb.pt, ²ceu@ipb.pt

Resumo

Reconhece-se o valor artístico para as (re)configurações individuais e coletivas, afetivas e conscientes, em que a memória identitária e a herança artístico-cultural desafiam à almejada cidadania inclusiva, resultado de uma construção livre e sensível. A arte, a cultura artística e a consciência estética apresentam-se como peças indissociáveis na formação inicial.

Palavras-chave

Arte, cultura artística, percepções estéticas, formação inicial.

Introdução

Ideias e imagens, sensações e emoções, expressões e estimulações, distintas subjetividades (re)criativas da realidade envolvente, evocam e justificam a função da arte, a qual deve ultrapassar o prazer do próprio artista e incentivar modificações a quem a contempla (Read, 2016). Este é resultado de conhecimento, do saber, englobando a dimensão técnica, de genialidade ou graça, de *cosa mentale*, como atividade não isenta de uma força criadora anterior à obra e que a ultrapassa, mas permite o encontro de sensibilidades pessoais neste contexto atual de complexidade do universo da arte (Pereira, 2016). Numa interação com o meio, muitas vezes inconsciente, recria-se a realidade através de imagens artísticas, numa apropriação da cultura, refletindo-a e integrando-a, produzindo vivências estéticas, modeladoras do pensamento e do comportamento social, num reflexo da realidade, revivido nessa experiência, estabelecendo empatia de deleite entre obra e observador, numa triangulação comunicativa artista-obra-espectador (Read, 2016). O resultado modelador do artista “constitui um reflexo singular do próprio ser, daquilo que ele é e de como o é [pois] o artista fala e comunica com os outros” (Papa João Paulo II, 1999, p. 3), revelando um contributo para a história da cultura, para o património cultural da sua nação e da humanidade, num serviço social para o bem comum, através do seu génio artístico. A obra de arte como elemento cultural é muito mais que “um

mero objecto, ou sequer a tentativa de reconstruir a sua génese, pois configura a possibilidade de construção afectiva de um modo de ser, de um modo de estar e, conseqüentemente, de um modo de ver o mundo” (Pereira, 2019, p. 5).

Cultura artística e percepções estéticas

O fenómeno artístico surge, assim, entre criador, criação e fruidor, num exercício livre com a aceitação que “as sensibilidades individuais e coletivas são também conformadas pelas circunstâncias, bem como pelos espaços temporais e culturais em que estão inseridas, ou seja, as percepções e as visibilidades de cada um dos indivíduos” (Terraza e Travassos, 2015, p. 368). Num resultado que ultrapassa uma “suposta “objectividade” da obra, e não se reconduz necessariamente a uma qualquer “consciência estética” do espectador, dadas as dimensões de liberdade, de abertura e de pluralidade que caracterizam a experiência dos fenómenos culturais e artísticos como prática social” (Pereira, 2019, p. 5). É um diálogo humanamente necessário, subjetivo, “capaz de despertar sentimentos ocultos no espectador, tornando-o consciente” (Côrrea, 2016, p. 72), num processo de superação, emoção e imaginação, logo “a apropriação da obra de arte suscita transformações qualitativas na totalidade do ser, alterando, por exemplo, as funções de percepção e consciência de si e do mundo” (Barroco e Superti, 2014, p. 31). Para a desejada construção de identidade individual e coletiva, aberta, plural e inclusiva, em que a arte assume ser um dos fatores fundamentais, por uma experiência estética, em que a cultura e a educação artística não podem estar dispensadas, antes associadas ao próprio valor da arte (Pereira, 2019); num reforço para a alfabetização estética que se propõe “criar nos indivíduos (...) um desenvolvimento global da personalidade, através de formas o mais diversificadas e complementares possíveis de atividades expressivas, criativas e sensibilizadoras” (Forquin, 1982, p. 25), reconhecendo que “todo puede ser arte y que con todo se puede hacer arte” (Ortega, 2021, p. 54). A obra de arte é aqui entendida com o harmonioso resultado de “elementos materiais e imateriais (...) a tela e a competência necessária para pintar, (...) a madeira e a habilidade para esculpir, (...) o piano e o engenho musical, (...) a palavra e a inspiração poética” (Côrrea, 2016, p. 72).

A “arte inspira (...) é interpretativa (...) envia uma mensagem diferente para todos” (Belchior e Ribeiro, 2014, p. 53); “possui uma capacidade muito própria de captar os diversos aspectos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem os vê e ouve” acrescenta na *Carta aos artistas* o Papa João Paulo II (1999, p. 12); a sua apreensão nunca é imediata, pressupõe informação, familiaridade com sistemas de referência, um “programa de percepção equipada, mais apto a criar no individuo o amor pela arte do que as efêmeras ou ilusórias paixões à primeira vista” (Forquin, 1982, p. 44). Acrescenta o mesmo autor que o (re)conhecimento dos estilos artísticos e suas características, numa “familiaridade cultural, devem ser um instrumento do gozo estético, e não um substituto desse gozo, que é e permanece sendo um fenómeno basicamente emocional, suscetível de ser provocado, ativado, educado” (p. 45).

Enquadramento metodológico

O presente estudo é de carácter exploratório, descritivo e interpretativo, o que justifica uma metodologia qualitativa, cujos dados foram analisados com recurso à técnica de análise de conteúdo, para as questões abertas e descritiva, interpretativa para as respostas de escolha múltipla. Esta análise orientou-se pela seguinte questão-problema: Que percepção evidenciam os estudantes na formação inicial sobre a sua cultura artística e estética? e, foi construída e orientada pelos objetivos: i) conhecer as percepções dos estudantes sobre cultura artística e estética; ii) analisar e interpretar entre essas percepções o contributo da formação inicial para a sua cultura artística e estética. O público-alvo foram os estudantes do 1.º ano do curso de Arte e Design de uma instituição de ensino superior (IES, Portugal); de um universo de 98 estudantes, obteve-se uma amostra de 29 estudantes que responderam a um pequeno grupo de questões (duas questões de resposta aberta e uma de resposta fechada).

Análise e interpretação de dados

Apresentou-se uma reflexão acerca da Arte como manifestação humana de ordem estética, desenvolvida pelo(s) artista(s) a partir de percepções, de emoções e de ideias, com o intuito de estimular o Homem, a sua consciência como espectador, reconhecendo cada obra de arte como única na sua significação e na atividade criadora do artista (percepção do mundo envolvente, emoção despertada e ideia pela mensagem que pretende transmitir) nessa estreita relação do desenvolvimento humano e social de formação, transformação e afirmação (Barroco e Superti, 2014). Sublinharam-se as expressões percepção, emoção e ideia como referência na atividade criadora do artista, como partida para os registos dos estudantes e que se evidenciam na categoria; - Arte, manifestação de percepção – “arte (...) sempre exprimiui a percepção do que nos rodeia” (E3); “subjativa (...) tem muito a ver com a nossa cultura, costumes, religião e a nossa sensibilidade” (E5); “revela-se no espectador e sua “leitura”” (E11); pela “percepção de mundo, de um povo, cultura e comunidade auxilia o artista a desenvolver obras que farão sentido e darão a sensação de pertencimento ao grupo ao qual a obra se destina” (E29). E, prosseguem na categoria - Arte, manifestação de emoção - (...) “as emoções que vão ter ao longo da vida é passada para as suas obras” (E1); “para provocar choque e alertar para os problemas da época” (E3); “algo que é fascinante, é que independente do quadro ter um significado para o artista, as pessoas podem ver algo diferente” (E9); bem como “entender melhor os sentimentos do autor. Uma pincelada mais rápida e rígida talvez cause uma sensação de angústia e movimento, já uma mais uniforme nos transmite mais serenidade” (E12); “é como se fosse uma mensagem do artista” (E21); bem como na categoria - Arte, manifestação de ideia – “A ideia é a base da criação. Uma inspiração, um “começo”” (E4); “o seu olhar sobre a sociedade ajuda-nos a perceber o contexto da conceção” (E12); “mudar formas de pensar” (E11); “criar diálogo entre os observadores” (E23); “ser inspira-

ção de pesquisa para a obra de arte e assumindo-a como um processo criativo complexo, (...) que estimula o interesse e a consciência coletiva” (E25).

Na análise de quatro alíneas contendo afirmações temáticas (declarações verdadeiras e falsas), não se registaram dúvidas de que a história da arte é a ciência que estuda os movimentos artísticos, as modificações na valorização estética, as obras de arte e os artistas (29/29 assinalaram a frase verdadeira); que a arte é o resultado individual ou coletivo dependente da cultura de cada povo, dos seus valores e anseios, levantou ligeiras incertezas (27/29 respostas como frase verdadeira); já nas frases que continham imprecisões registaram-se ligeiras dificuldades; a saber, uma obra de arte tem o objetivo de despertar interesse e diálogo com o espectador, cuja reação não é variável nem subjetiva (24/29 respostas como frase falsa, mas sem correção por quatro estudantes), e as escolhas do designer não dever anuir com a cultura e os hábitos do espectador ou o produto desenvolvido não será efetivo (27/29 respostas como frase falsa, mas por dois estudantes sem correção).

A terceira proposta partiu de uma citação de Lewis Mumford (2001) “A arte, nos seus melhores momentos, revela significados até aí escondidos. Diz mais do que os olhos podem ver, mais do que os ouvidos podem sentir e mais do que a mente pode conhecer” (p. 20). O desafio foi o de considerarem a (im)pertinência no contexto atual de conceitos implícitos em vocábulos sugeridos (história, arte, design, técnica, estética, obra, belo). Os registos dos estudantes sublinham que: a “arte moderna (...) precisava de (...) um rompimento dos cânones até aí ditados para acompanhar o avanço tecnológico” (E3), reconhecem que “a estética de cada movimento é altamente influenciada pelo contexto histórico; [e que] cada obra, além de exalar(sic) sua própria emoção, também conta uma história” (E4); “é algo que podemos ver, sentir e apreciar (...) o belo é algo não visual, mas sentimental” (E10), pois as obras possuem “significados escondidos, críticas e fortes mensagens. Algumas dessas obras tornaram-se ícones” (E11). Sublinham a conceção associada ao “design da cadeira em que me encontro sentado (...), da caneta que uso” (E12). “Todas as obras têm uma mensagem, (...) se não conseguir transmitir (...) pouco valor irá ter, será como um vazio preenchido com cores bonitas...” (E21), pois a “arte não envolve somente uma emoção sentida e dirigida ao espectador” (E24), “a obra torna-se cada vez mais pessoal e subjetiva (...) na procura de quem em outra hora tenha visto, ouvido ou sentido algo semelhante, pois a arte é a procura do íntimo que não conseguimos explicar...” (E24).

Considerações finais

A sociedade contemporânea regista a necessidade de criar e sensibilizar para a educação artística poder dar resposta, dotando os estudantes de capacidades para se exprimirem, avaliarem criticamente o mundo que os rodeia e participar ativamente da existência humana. Acreditando que a relação com a arte constitui um precioso auxílio para o processo educativo, na medida em que proporciona

experiências promotoras de criatividade, flexibilidade e reflexão crítica, pela análise aos discursos dos estudantes consideramos oportuno recorrer às atuais e pertinentes palavras do renascentista Da Vinci quando lembrou que “a arte diz o indizível, exprime o inexprimível, traduz o intraduzível”, o que implicitamente reconhecemos nas reflexões dos estudantes quando afirmam “a arte é livre” (E4; E20), “a arte é um espelho das coisas que nos rodeiam (...) causando sempre uma reação única e diferente” (E5), “a arte tem o poder de expressar a alegria e as dores de um indivíduo e de um povo (...) ela nos faz refletir, apreciar e abraçar o outro”. A arte é necessária à vida (E29), é cultura artística e estética, é património de um povo do qual a academia não pode, nem pretende alhear-se.

Referências

Barroco, S. e Superti, T. (2014). Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & Sociedade*, 26 (1), 22-31.

Belchior, C. e Ribeiro, R. (2014). *Design & Arte: entre os limites e as interseções*. Minas Gerais: Ed. de autor.

Corrêa, G. (2016). Design é arte? *12.º Congresso brasileiro de pesquisa e desenvolvimento em design – Blucher Design Proceedings*, 2 (9), 70-81.

Forquin, J. C. (1982). A educação artística – para quê? Em L. Porcher (org.), *Educação artística: luxo ou necessidade?* (pp. 25-48). São Paulo: Summus Editorial.

Mumford, L. (2001). *Arte & Técnica*. Coimbra: Edições 70.

Ortega, L. (2021). El currículo de educación cultural artística. La educación soñada desde las artes. *Preliminar: Cuadernos de Trabajo*, 2, 44-62.

Papa João Paulo II (1999). *Carta aos artistas*. Libreria Editrice Vaticana.

Pereira, J. C. (2016). *O valor da arte*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Pereira, J. C. (2019). O valor da arte e da cultura artística para os portugueses. *Fronteiras XXI*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Read, H. (2016). *Educação pela arte*. Coimbra: Edições 70.

Terraza, C. H. e Travassos, L. (2015). A imagem fluxo e o espectador no espaço institucional da arte. Em P. B. Bastos (coord.), *14.º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia: Arte e Desenvolvimento Humano* (pp. 368-371). Aveiro: UA Editora.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref. UIDB/05507/2020. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) e ao Politécnico da Guarda pelo apoio prestado.

